



INTEGRACION,
EXTENSION,
DOCENCIA
E INVESTIGACION
PARA LA
INCLUSION
Y COHESION
SOCIAL

22 AL 25
NOVIEMBRE
DE 2011
SANTA FE
ARGENTINA



TITULO: Dialogando sobre Humanização e Cidadania na Educação Continuada

EJE: Ciencia, Tecnología y Sociedad

AUTORES: Juliana Goelzer, Celso Ilgo Henz

REFERENCIA INSTITUCIONAL: Universidade Federal de Santa Maria / UFSM – Rio Grande do Sul / RS – Brasil

CONTACTOS: julianagoelzer@yahoo.com.br; celsoufsm@yahoo.com.br

RESUMEN

Este Projeto de Educação Continuada de Professores, realizado enquanto processo de pesquisa-ação, teve início no ano de 2009, dando continuidade às atividades desenvolvidas desde 2007 com professores de Escolas de Educação Básica de Santa Maria/RS/Brasil. Partimos do pressuposto de que o maior desafio posto hoje à educação está em pensar e construir uma escola mais humana e humanizadora, que faça da prática educativa uma ação onde educadores e educandos tenham a oportunidade de irem se descobrindo enquanto “gente” e, percebendo-se como seres sócio-histórico-político-culturais, irem aprendendo a “gostar de ser gente” e, ao mesmo tempo que sabendo-se incompletos e inconclusos, sentindo-se capazes de “ser mais”, em todas as dimensões do humano. Ao lado disso, constatamos, junto aos profissionais participantes das pesquisas, que a maioria dos professores das escolas de Educação Básica, em seus processos de formação inicial, aprenderam somente a ensinar matérias e conteúdos específicos, sem entender o *por quê* e o *para quê* dos mesmos; então, embora competentes em suas áreas, não conseguem realizar uma ligação entre estas e os processos de humanização na totalidade e complexidade da “inteireza” do “corpo consciente” de cada homem e/ou mulher. Entendemos que o que esses profissionais aprenderam em seus cursos de formação de professores, certamente é o que estão praticando em sala de aula. Sendo assim, o presente projeto de pesquisa e extensão “Humanização e Cidadania na Escola” visa ser um espaço-tempo de investigação-ação junto aos docentes da educação básica, oportunizando uma reflexão sobre a realidade social e escolar e sobre possíveis mudanças em suas práxis educativas. Nosso objetivo com esta pesquisa é investigar e oportunizar a criação de processos de humanização e vivência de cidadania nas escolas de Educação Básica, visando identificar os seus limites, desafios e possibilidades. Metodologicamente, a pesquisa inscreve-se no âmbito hermenêutico, com o processo investigativo dando-se enquanto pesquisa-ação, pelos seus aspectos eminentemente construtivos e dialéticos com vistas à transformação. São realizados encontros quinzenais, de duas horas de duração, com os professores participantes das escolas, proporcionando momentos de diálogo acerca da realidade escolar e social, assim como acerca das práxis desses profissionais. Dessa forma, a presente pesquisa se constitui como um processo de educação e (re)construção de conhecimento a partir da indagação auto-reflexiva que prevê o envolvimento de todos os sujeitos em ações prospectivas, procurando “vê-los” e “ouvi-los” na sua complexa totalidade humana. A cada encontro realizado, percebemos que, aos poucos, os professores vêm se descobrindo e descobrindo seus alunos como “gente”, e principalmente como gente que participa; como gente cidadã que a cada instante e em cada atitude vem construindo, junto



INTEGRACION,
EXTENSION,
DOCENCIA
E INVESTIGACION
PARA LA
INCLUSION
Y COHESION
SOCIAL

22 AL 25
NOVIEMBRE
DE 2011
SANTA FE
ARGENTINA



com os processos de ensino-aprendizagem, a sua cidadania e o seu “ser homem” ou “ser mulher” dentro da escola e da sociedade. No início houve bastante resistência, silêncio e medo; com o tempo os próprios professores começaram a assumir a organização e dinamização dos encontros, mudaram sua forma de trabalhar, colocando-se mais como parceiros dos alunos, com metodologias e didáticas alternativas e práticas avaliativas mais democráticas e emancipatórias. Em certos momentos, os participantes são desafiados a propor-se a uma mudança e compartilhar com o grupo como estão conseguindo colocá-la em prática; experiências riquíssimas nesse sentido vêm sendo relatadas. Percebemos então o quanto a falta de compromisso com a humanização pode prejudicar o processo educativo e também o quanto essa tomada de consciência por parte desses profissionais poderá tornar nossas escolas muito mais humanas e humanizadoras para todos e todas.

Palavras-chave: Formação continuada; humanização; prática educativa.

1. Um momento de renovar as esperanças

No dia-a-dia de cada escola vemos um entrelaçamento complexo de relações humanas que, muitas vezes, na correria cotidiana, passa quase que despercebido. O fato, é que todos aqueles que compartilham desse espaço, carregam consigo uma bagagem intensa de vivências, uma história de vida, e, ao lado destas, também carregam sonhos, perspectivas de um futuro mais humano, mais feliz.

Porém, infelizmente nem sempre abre-se espaço, dentro da escola, para a bagagem sócio-histórico-cultural e para os sonhos de cada um, especialmente das crianças. São “detalhes” nem sempre lembrados. Mas o que percebemos, de fato, é que muitas dessas crianças não vêm à escola apenas com sede de aprender, apenas para “ser alguém na vida”. Muitas dessas crianças, vistas por vezes apenas como alunos, cabeças pensantes, vêm à escola por este ser o único espaço no qual têm a oportunidade de receberem um pouco mais de carinho, de afeto, espaço esse que representa sua única chance de se tornar mais gente em toda a totalidade da trama de dimensões do humano. Segundo Freire (2002, p. 69-70),

o mundo afetivo desse sem-número de crianças é roto, quase esfarelado, vidraça estilhaçada. Por isso mesmo, essas crianças precisam de professores profissionalmente competentes e amorosos e não puros tios e tias. É preciso não ter medo do carinho, não fechar-se à carência afetiva dos seres interditados de estar sendo. Só os mal-amados e as mal-amadas entendem a atividade docente como um que-fazer de insensíveis, de tal maneira cheios de racionalismo que se esvaziam de vida e de sentimentos.



INTEGRACION,
EXTENSION,
DOCENCIA
E INVESTIGACION
PARA LA
INCLUSION
Y COHESION
SOCIAL

22 AL 25
NOVIEMBRE
DE 2011
SANTA FE
ARGENTINA



O cotidiano escolar, assim, vem se tornando um espaço no qual muitas expectativas, muitos sonhos diferentes se cruzam; um lugar ao qual cada um atribui um significado e um papel diferente. Diante disso, o professor vem sendo rodeado de desafios que não mais lhe permitem ser apenas um professor de Matemática ou de História. Esse professor está a cada dia mais percebendo o quanto é professor de gente, e de gente com vida! E que desafio esse! Mas e aí, como realizar essa difícil tarefa, a tarefa de ensinar a ser humano (ARROYO, 2004)?

Partimos, então, do pressuposto de que a maioria dos professores que hoje atuam nas escolas de Educação Básica, em seus cursos de formação inicial, apenas aprenderam a ser professores de conteúdos. Aprenderam a lidar com “alunos”, não com crianças, com gente. Esses profissionais ingressaram na profissão sem que lhes fosse proporcionada uma maior reflexão acerca das relações humanas que envolvem o processo educativo, da realidade de muitas de nossas crianças, adolescentes e jovens, tampouco lhes foi permitido um maior diálogo a respeito da complexidade desse ser humano. E tudo isso vem trazendo um desconforto muito grande para a maioria dos professores, pois muitos queixam-se não saber lidar com essa “genteidade” (HENZ, 2003).

Neste sentido, Miguel Arroyo, em seu livro *Ofício de Mestre: Imagens e auto-imagens* (2004, p. 91), faz um alerta:

Lamentavelmente a formação de professores(as) não tem como horizonte a especificidade da Educação Fundamental. A culpa não é deles. Ao longo de sua formação como profissionais da Educação Básica, fundamental e média, pouco aprenderam sobre como foi se configurando historicamente o direito da infância, adolescência e juventude à educação, ao conhecimento e à cultura. Pouco aprenderam desses tempos-ciclos da formação humana. A sensibilidade que têm a aprenderam por conta própria.

Muitos cursos de formação de professores, tanto inicial como continuada, ainda pouco debatem essa perspectiva. É claro que a aprendizagem de metodologias e didáticas é parte fundamental da formação, mas o que entendemos é que não podem ser enfatizados apenas estes aspectos da profissão. O que esses profissionais aprenderam em seus cursos de formação inicial é em boa parte o que vão continuar praticando no exercício da sua docência; inclusive, o currículo oculto presente nas relações de formação, os “forma” mais que o currículo explícito, pois com seus professores vão aprendendo um perfil, um “jeito de ser” professores e professoras.



INTEGRACION,
EXTENSION,
DOCENCIA
E INVESTIGACION
PARA LA
INCLUSION
Y COHESION
SOCIAL

22 AL 25
NOVIEMBRE
DE 2011
SANTA FE
ARGENTINA



Portanto, entendemos que processos de formação continuada são mais do que necessários para que esses professores, hoje atuantes em escolas, redefinam seu papel e encontrem na escola um lugar que também lhes permita “ser mais gente” (FREIRE, 2005), ser homem/mulher em todas as dimensões e aspectos do humano e que, a partir disso, também possibilitem aos educandos espaços mais humanizadores do que a rua, o mundo do trabalho e até mesmo a família. É por isso que elaboramos o projeto de pesquisa Humanização e Cidadania na Escola, o qual tem por objetivo investigar e oportunizar a criação de processos de humanização e vivência de cidadania nas escolas de Educação Básica, visando identificar os seus limites, desafios e possibilidades. Dessa forma, essa pesquisa visa ser um espaço-tempo de investigação-ação junto aos docentes da educação básica, oportunizando uma reflexão sobre a realidade social e escolar e sobre possíveis mudanças em suas práxis educativas.

Metodologicamente, vem sendo adotado o enfoque hermenêutico-dialético; dialogando com os professores, escutando-os e interrogando-os para que com eles possamos interpretar seus diferentes contextos e suas diferentes vivências sócio-histórico-culturais. Assim, vem sendo realizado um processo de indagação auto-reflexiva, no qual vemos, ouvimos e problematizamos a nós educadores, objetivando ações transformadoras e prospectivas nas práxis educativas.

O projeto vem se desenvolvendo desde o início de 2009, em continuidade a outros que datam desde 2007, e conta com a participação de grupos de professores de algumas escolas da rede municipal e estadual do município de Santa Maria – RS. Quinzenalmente, nosso grupo de pesquisa se reúne com estes professores, que totalizam em média 20 participantes por escola. Como subsídio para as discussões, os grupos realizam com antecedência leituras de autores como Paulo Freire e Miguel Arroyo, autores estes que entendem a educação como um processo de humanização e emancipação.

Compreendemos – e é o que nos leva a acreditar nessa pesquisa de extensão – que não basta apenas aprender a pensar por si próprios, mas também desencadear processos e situações em que outros professores sejam encorajados a refletir sobre si mesmos e sobre as práticas sociais dos seus diferentes espaços-tempos, para que possam também encorajar as crianças e adolescentes a pensarem por si próprios sem negar o cotidiano das suas vidas. Trabalhar com esta prerrogativa é, em última instância, colocar a educação dentro da processualidade histórico-sócio-cultural da humanização, onde educadores e educandos, partindo da realidade, dialogicamente sentem/pensam/agem sobre esta mesma



INTEGRACION,
EXTENSION,
DOCENCIA
E INVESTIGACION
PARA LA
INCLUSION
Y COHESION
SOCIAL

22 AL 25
NOVIEMBRE
DE 2011
SANTA FE
ARGENTINA



realidade. Ou seja, “somos o lugar onde nos fizemos, as pessoas com quem convivemos. Somos a história de que participamos. A memória coletiva que carregamos” (Ibidem, p. 14).

2. Escola: também espaço de vivências de humanização e cidadania

Entendemos a educação enquanto fenômeno vital na humanização dos seres humanos. Ela é o processo pelo qual os seres humanos vão se constituindo a partir e através da interação com o meio circunjacente e com os demais membros da sua coletividade.

Entretanto, muitas dimensões da humanização escapam aos domínios da ciência e da técnica, desafiando os homens e as mulheres a descobrirem outros caminhos para desvendarem e significarem a si mesmos e a realidade. Não basta uma razão cognitivo-técnico-instrumental, porque a vida é mais e maior, precisando de outras referências para nos ajudar a descobrir as pessoas e as coisas na sua integralidade, afinal, como diz Edgar Morin (2001, p. 15), “o ser humano é a um só tempo físico, biológico, psíquico, cultural, social, histórico. Esta unidade complexa da natureza humana... é preciso restaurá-la, de modo que cada um, onde quer que se encontre, tome conhecimento e consciência, ao mesmo tempo, de sua identidade complexa e de sua identidade comum a todos os outros humanos”.

Inicialmente propomos em alguns encontros certas dinâmicas nas quais tornava-se possível a cada um esse desvendar de si mesmo. Propomos em alguns grupos que cada um desenhasse sua “auto-imagem”. Foram momentos muito significativos que mexerem com todos, pois muitos inclusive argumentaram nunca terem nem pensado em desenhar sua imagem. Pudemos perceber o quanto cada um vê a si próprio de maneira diferenciada, pois enquanto muitos desenharam-se por completo, utilizando todo o espaço da folha, outros desenharam-se no cantinho e outros desenharam só a sua cabeça. Esse fato fez com que todo o grupo refletisse se somos formados apenas pela razão dentro da escola ou se nela também somos um ser humano por completo.

Houve aqueles ainda que se negaram a desenhar sua “auto-imagem” e ainda outros que fizeram mas não quiseram mostrá-la aos colegas. Fica então o questionamento: por que resistimos a “nos mostrar” como pessoa dentro da escola? Será que enquanto estamos em sala de aula carregamos apenas nossa identidade de educadora? O homem e/ou mulher fica do lado de fora do portão da escola?



INTEGRACION,
EXTENSION,
DOCENCIA
E INVESTIGACION
PARA LA
INCLUSION
Y COHESION
SOCIAL

22 AL 25
NOVIEMBRE
DE 2011
SANTA FE
ARGENTINA



Outras dinâmicas, além destas, também foram propostas aos demais grupos. A proposta em algumas das demais escolas era cada um criar sua foto e entregar a algum encarregado, sem se identificar. No dia da apresentação, todo o grupo de professores analisou a foto e a ela atribuiu características, sem saber de quem se tratava. Em seguida o dono da foto se identificou e falou para o grupo quais daquelas características mais diziam respeito a ele. Foi muito interessante ver como o grupo se conhecia bem, pois na maioria das vezes só de observar a foto, alguém já identificava de quem se tratava. Também sentimos que foi prazeroso para cada um poder falar de si, pois a maioria dos educadores falou de sua vida tanto pessoal como profissional e aquilo foi um estímulo para que outros percebessem que há vida sim, dentro da escola.

Esses momentos nos permitiram refletir que talvez o maior desafio que hoje se coloca para a escola e seus profissionais seja esse desafio de ser capaz de voltar uns aos outros um olhar mais humano, de criar um vínculo afetivo entre aqueles que nela estão inseridos. Sem esse olhar humano, as relações de fato acabam por passar despercebidas, negando assim a amplitude do caráter humanizador desse espaço chamado escola. Relações essas que vão se perdendo entre professores, alunos... Mas Maturana; Rezepka, vêm nos lembrar que

O espaço educacional como espaço de convivência na biologia do amor, deve ser vivido como um espaço amoroso e, como tal, no encanto do ver, ouvir, cheirar, tocar e refletir que permite ver, ouvir, cheirar, tocar o que há ali no olhar que abrange o seu meio ambiente e o situa adequadamente. (MATURANA; REZEPKA, 2002, p. 17).

Em outros momentos, também foi proposto que estes educadores rememorassem sua mais tenras vivências. Em muitos encontros solicitamos aos professores que estes lembrassem do seu tempo de infância e de escolarização e dissessem ao grupo o que mais os marcou nessa caminhada. Eles lembraram, em sua grande maioria, da merenda da escola; do “jogo de bolita” e demais brincadeiras que partilhavam com os amigos e colegas de aula; do respeito que tinha que se ter para com o professor, e ao mesmo tempo da autoridade e também do autoritarismo deste; das “guerrinhas” entre turmas; da “reguada nas mãos” que levaram do professor; e também “do dia em que eu fiz xixi na calça porque a professora não me deixou ir ao banheiro”.



INTEGRACION,
EXTENSION,
DOCENCIA
E INVESTIGACION
PARA LA
INCLUSION
Y COHESION
SOCIAL

22 AL 25
NOVIEMBRE
DE 2011
SANTA FE
ARGENTINA



Podemos notar que nenhum dos participantes lembrou de algum conteúdo ou metodologia que algum de seus professores havia proposto no decorrer de sua vida escolar. Dessa forma, vale salientar que o que levamos para a nossa vida são as emoções, os momentos de alegrias e tristezas que marcaram nossa vida, momentos estes que nos tornaram mais humanos porque nos permitiram a interação, o afeto, a partilha com o outro.

Apostamos, com essa pesquisa, na possibilidade de desencadear a construção de uma razão-emoção crítico-reflexiva (HENZ, 2003) nos processos de educação de professores – inicial e continuada – e no exercício do magistério, como condição de emancipação de todos os seres humanos e dos seres humanos na totalidade das suas múltiplas dimensões. Trabalhar com essa prerrogativa é, em última instância, colocar a educação dentro do processo de humanização, onde educadores e educandos, partindo da realidade, dialógica e reflexivamente, pensam e repensam esta mesma realidade e a si mesmos para nela intervirem como sujeitos da sua própria história.

Entendemos que é necessário ultrapassar a mera preocupação com métodos, conteúdos, técnicas, produtos, treinamentos..., pois como bem desafiou em certo momento uma das educadoras participantes do projeto: “O professor só é professor quando domina uma área do conhecimento. Ele só se reconhece como professor quando domina essa área. Quando passa disso, ele se perde.” Por isso acreditamos em processos educativos que, a partir do mundo da vida, sejam dialógicos, reflexivos, desafiadores, críticos, conscientizadores, problematizadores, voltados para este próprio mundo e a serviço de homens e mulheres concretos que nele se humanizam.

Visando oportunizar aos professores o desencadear desse processo, fazendo com que estes profissionais ultrapassem, no decorrer de sua atividade docente, essa visão apenas técnica da educação, propomos a estes um desafio intitulado: “o que eu posso mudar na minha prática por essa semana?”. Os professores então foram desafiados a, partindo de nossos diálogos e leituras, propor alguma aula ou atividade diferente no decorrer da semana. Foi muito interessante ouvir o relato desses professores nas semanas que se seguiram.

Vale lembrar o relato de um professor de Educação Física, o qual contou ao grupo que naquela semana, ao invés de dar sua aula, ele propôs à turma que cada um escrevesse um texto falando de si, de sua vida. Os alunos, embora achando estranho terem que escrever um texto em plena aula de Educação Física, o fizeram com motivação. O professor relatou-nos então o quanto sua relação com os alunos melhorou a partir daquele dia, pois



INTEGRACION,
EXTENSION,
DOCENCIA
E INVESTIGACION
PARA LA
INCLUSION
Y COHESION
SOCIAL

22 AL 25
NOVIEMBRE
DE 2011
SANTA FE
ARGENTINA



ele passou a conhecer melhor seus alunos, suas motivações e dificuldades, assim como os alunos passaram a se sentir mais importantes por verem que o professor se interessava pela vida deles.

Diante desse relato, salientamos que entre o processo de ensino-aprendizagem e o processo de aprendermos a ser humanos não há dicotomia; são processos que ocorrem concomitantemente, pois ensinamos e aprendemos na convivência com os demais, e nessa inter-relação também aprendemos a ser humanos através do diálogo, do respeito, da afetividade e amorosidade para com o outro.

É preciso que saibamos que, sem certas qualidades ou virtudes como amorosidade, respeito aos outros, tolerância, humildade, gosto pela alegria, gosto pela vida, abertura ao novo, disponibilidade à mudança, persistência na luta, recusa aos fatalismos, identificação com a esperança, abertura à justiça, não é possível a prática pedagógico-progressista, que não se faz apenas com ciência e técnica. (FREIRE, 2005, p. 120)

Educar-se e educar requer o reconhecimento e a palavra de seres humanos como sujeitos, onde cada um é desafiado a “dizer a sua palavra” (FREIRE, 2000) como ação consciente e engajamento na construção e re-construção da história, do mundo, da própria existência humana. Nesta perspectiva, as práticas educativas sempre são dialógicas e dialéticas, requerendo estarmos atentos aos livros e aos acontecimentos, mas também às pessoas em todas as suas dimensões, para conseguirmos integrar as diferentes perspectivas da vida, interligando o intelectual e o emocional, o pensar e o fazer, o teórico e o prático, o dever e o prazer, o aprender e a alegria, o individual e o sócio-histórico-cultural. A educação, é bem verdade que:

No tempo escolar os mestres têm de dar conta de pessoas, que não estão unicamente em permanente estado de relação com os conteúdos do currículo, com suas mudanças, mas que se relacionam, convivem entre iguais e diversos, sentem, fantasiam, valorizam, dançam, se expressam na totalidade de sua condição humana. As crianças, adolescentes e jovens... explodem na totalidade de suas vivências no presente. (ARROYO, 2004, p. 232)

3. E que as esperanças continuem sendo renovadas...



INTEGRACION,
EXTENSION,
DOCENCIA
E INVESTIGACION
PARA LA
INCLUSION
Y COHESION
SOCIAL

22 AL 25
NOVIEMBRE
DE 2011
SANTA FE
ARGENTINA



Por meio das leituras e dos diálogos, os professores vêm descobrindo a trama de relações que permeiam o espaço escolar; ao mesmo tempo, vêm se descobrindo e descobrindo seus alunos como “gente”, e principalmente como gente que participa; como gente cidadã que a cada instante e em cada atitude vem construindo, junto com os processos de ensino-aprendizagem, seu processo de tornar-se “homem” ou “mulher” dentro da escola e da sociedade. Construção essa que envolve muito mais do que a transmissão dos conteúdos construídos historicamente pela espécie humana; construção essa que é baseada no reconhecimento de cada indivíduo, das suas potencialidades, de seus sonhos.

Para que nas escolas possam ser desenvolvidos processos mais humanizadores, é necessário, em primeiro lugar, nos voltar para os seres humanos que nesse espaço estão em processo de humanização. É por isso que realizamos os encontros não para dar respostas, mas para ver e ouvir e os professores, discutindo com eles o que pensam sobre os assuntos que vão surgindo, quais são os desafios e as possibilidades para a vivência da cidadania e humanização no cotidiano escolar e para as suas vivências enquanto sujeitos dentro de uma sociedade. Desse modo não fizemos uma leitura fechada dos livros, mas sim um diálogo com os autores e com nossos colegas, pois no momento em que “dizemos nossa palavra”, e ouvimos a do outro, é que desconstruímos e construímos respostas para nossas perguntas, dúvidas e angústias.

O projeto ainda está em andamento, mas já descobrimos que os desafios, na construção de processos educativos mais humanizados, são muitos, mas que o universo de possibilidades é maior ainda. E esses professores, que conosco dialogam, vêm a cada dia levando essas possibilidades ao mundo da realidade, acreditando assim que a escola pode tornar-se um espaço humanização, de esperança.

Esse é um pequeno passo na busca de uma escola e, conseqüentemente, de uma sociedade mais humana. Até o momento, podemos destacar o quanto percebemos mudanças no modo com que os grupos de professores olham para as escolas, para os alunos, para suas práticas, e o quanto isso vem tornando esses homens, mulheres e crianças mais felizes!

Acreditamos assim ser possível construir uma escola cheia de vida, de gente, com professores e alunos partilhando saberes, experiências, vivências e, ao saberem-se incompletos e inconclusos, sentindo-se capazes de “ser mais”. A escola, é muito mais do que um espaço constituído por paredes, teto, piso, livros, cadeiras, mesas e prateleiras: é um espaço constituído por seres humanos que ali buscam acolhida, escuta, afeto,



INTEGRACION,
EXTENSION,
DOCENCIA
E INVESTIGACION
PARA LA
INCLUSION
Y COHESION
SOCIAL

22 AL 25
NOVIEMBRE
DE 2011
SANTA FE
ARGENTINA



esperanças que sejam renovadas a cada dia. Por isso, lembremos: o ser humano é a centralidade de toda ação educativa, afinal,

não haveria educação se o homem seria um ser acabado [...] O homem pode refletir sobre si mesmo e colocar-se num determinado momento, numa certa realidade: é um ser na busca constante de ser mais e, como pode fazer esta auto-reflexão, pode descobrir-se como um ser inacabado, que está em constante busca. Eis aqui a raiz da educação (FREIRE, 1979, p. 27).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARROYO, Miguel G. Ofício de Mestre: imagens e auto-imagens. 7. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

FREIRE, Paulo. Educação e Mudança. Tradução: Moacir Gadotti e Lilian Lopes Martin. 15. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Indignação. Cartas pedagógicas e outros escritos. SP: Editora UNESP, 2000a.

FREIRE, Paulo. Professora Sim, Tia Não. Cartas a quem ousa ensinar. 11. ed. São Paulo: Olho d'Água, 2002.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia. Saberes necessários à prática educativa. 31. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

HENZ, Celso Ilgo. Razão-Emoção Crítico-Reflexiva: um desafio permanente na capacitação de professores. 2003. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

MATURANA, Humberto; REZEPKA, Sima Nisis de. Formação Humana e Capacitação. Tradução: Jaime A. Clasen. 3. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

MORIN, Edgar. Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro. 3ªed. SP: Cortez; Brasília/DF: UNESCO, 2001.